

PONTO DE VISTA

WIKIPÉDIA

É tudo (in)verdade?

Polêmica entre o escritor americano Philip Roth e enciclopédia colaborativa virtual reacende debate sobre credibilidade dos verbetes



MARÍLIA MARTINS/11-6-2008

Polêmica. Só com uma carta aberta Philip Roth conseguiu corrigir o verbete sobre um de seus livros na Wikipédia

LEONARDO CAZES
leonardo.cazes@oglobo.com.br

“Cara Wikipédia, eu sou Philip Roth. Recentemente, tive motivos para ler, pela primeira vez, o verbete sobre meu romance ‘A marca humana’. O texto contém uma séria distorção que gostaria que fosse retirada”. Assim começa a carta aberta publicada pelo escritor americano no blog “Page-Turner”, da revista “The New Yorker”, a última etapa de uma briga para que o verbete sobre seu livro fosse corrigido. Na enciclopédia colaborativa estava escrito que “A marca humana” (Companhia das Letras), lançado em 2000 nos Estados Unidos, e em 2002 no Brasil, seria baseado na história de Anatole Broyard, famoso crítico de cultura do jornal “The New York Times”, morto em 1990. Roth, entretanto, afirma que o romance foi inspirado, na verdade, pelo professor de sociologia de Princeton Melvin Tumin.

Informações imprecisas ou erradas na enciclopédia virtual não são incomuns. Cristovão Tezza e Milton Hatoum são algumas das “vítimas” de equívocos provocados pela edição colaborativa. No caso de Roth, chamou atenção a justificativa do administrador da Wikipedia em inglês para não mudar o texto: “entendo que o autor é a maior autoridade sobre sua obra, mas nós exigimos fontes secundárias”. Após a repercussão da carta aberta, o escritor conseguiu a correção, mas a referência a Broyard foi mantida, com o argumento de que diversos críticos o apontaram como inspiração para o livro.

Já no verbete de Tezza há uma afirmação de que ele trabalhou na marinha mercante. Na verdade, o autor ingressou na Escola de Forma-

“

O conceito é absolutamente fantástico, colocar os verbetes nas mãos das pessoas que mais se interessam

CRISTOVÃO TEZZA

“

Todas as infâmias e baixeiras podem ser publicadas na internet. É impossível controlar essa caótica comunidade de ódio

MILTON HATOUM



ELIÁRIA ANDRADE/6-10-2010

Erro. Milton Hatoum não terminou o doutorado na USP

ção de Oficiais da Marinha Mercante (Efomm) em 1971, após concluir o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, mas se desligou no mesmo ano. Procurado, o escritor confirmou os erros na enciclopédia, mas disse que pessoalmente não se importava.

— Há vários erros na página, pensei até em escrever alguma coisa, mas já tenho meu site oficial onde tem praticamente todas as informações. Se você entrar na Wikipédia em polonês está mais correto, porque uma tradutora de lá fez uma tese de doutorado sobre a minha obra e criou uma página — afirma Tezza. — Mas sou um entusiasta do projeto. Foi uma revolução das fontes de informação. O conceito é absolutamente fantástico, colocar os verbetes nas mãos das pessoas que mais se interessam pelo assunto. Eu mesmo uso muito. Não é a última palavra sobre um assunto, mas representa a alma da internet, aquela coisa flutuante, a informação viva.

Milton Hatoum é menos otimista em relação às oportunidades criadas pela rede. Ele afirma que, ao contrário do que está escrito no seu verbete, não é doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP) nem pela Sorbonne, em Paris. Hatoum começou os dois cursos, mas não chegou a terminá-los.

— Nunca terminei meu doutorado, nem na Sorbonne nem na USP. De fato, comecei a frequentar um curso de pós-graduação nessas universidades, mas em ambas interrompi o doutorado para escrever um romance. Prefiro a literatura ao título de doutor — diz o escritor.



DIVULGAÇÃO

Revolução. Cristovão Tezza acha projeto fantástico

Na sua opinião, mais grave do que a “foca literária, que não é nada e logo será esquecida”, é o total descontrole sobre as barbaridades que ganham visibilidade na rede.

— Todas as infâmias e baixeiras podem ser publicadas na internet. É impossível controlar essa caótica comunidade de ódio. Um exemplo recente é o filme de um tal Sam Bacile, que provocou reações iradas de alguns muçulmanos e, consequentemente, a morte de diplomatas americanos na Líbia. O filme é um lixo abominável, o “diretor” e os produtores são cúmplices dessa barbárie divulgada pela internet — critica Hatoum.

Se há casos verossímeis que não são verdadeiros, por outro lado há informações aparentemente duvidosas, mas que estão corretas. É o caso do verbete sobre Ricardo de Carvalho Duarte, o poeta Chacal. Logo na terceira linha há uma explicação de que ele se dedicou à poesia por ser incapaz de desenhar um cavalo. O próprio Chacal confirma a história.

— É isso mesmo, eu tinha um amigo que desenhava um cavalo muito bem e eu ficava louco, não tinha o menor jeito para aquilo. Eu já li o que foi escrito sobre mim, achei bem correto, correto até demais — observa o poeta.

Recentemente, a Wikimedia Foundation, responsável pela Wikipedia, fechou parcerias com instituições brasileiras como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a USP para melhorar a qualidade das informações oferecidas. ●



“Precisamos retomar projetos de longo prazo que pensem a cultura de modo mais integrado”

LUIZ CAMILLO OSORIO

Curador do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro



MÔNICA IMBUZEIRO/04-09-2009

Novos rumos para as artes

Esta semana, após um ano e oito meses de gestão conturbada e duramente criticada, a ministra da Cultura Ana de Hollanda foi substituída pela senadora Marta Suplicy (PT). O estopim que culminou na saída de Ana foi uma carta enviada à ministra do Planejamento, Miriam Belchior, revelada pelo Globo a Mais, com críticas ao baixo orçamento da pasta.

A chegada ao governo da petista suscitou reações positivas e desconfianças no meio político

e da classe artística. Antecedida por Ana no governo Dilma, e por Juca Ferreira e Gilberto Gil no governo Lula, Marta terá muitos desafios à frente da pasta. Dentre eles, o de rearticular projetos culturais que integrem diversas áreas como música, literatura, teatro e artes plásticas com o apoio de instituições públicas, como afirma o curador do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio, Luiz Camillo Osorio.

— Precisamos retomar projetos de longo prazo que pensem a cultura de modo mais integra-

do. É claro que a Lei Rouanet é importante, mas também acredito que ela precisa ser integrada a políticas públicas que fortaleçam nossas instituições. Há que se incentivar tanto os circuitos mais experimentais como também a democratização via Pontos de Cultura, que são populares sem serem populistas — afirma o curador, ao citar o principal projeto cultural do governo Lula, cujo orçamento chegou a R\$ 216 milhões em 2010 e sofreu cortes durante a gestão da ex-ministra.

Ao alertar para a crescente mercantilização das artes, Osorio afirmou que investimentos do governo aplicados em cursos de fomento à educação articulariam a ação dos espaços culturais, além de incentivar as criações artísticas.

— Para que as iniciativas do governo sejam eficazes, é preciso perceber as diferenças entre museu e centro cultural e entre arte e mercado. Dar ao mercado o que é do mercado: agilidade e eficiência. Dar à arte o que é da arte: tempo e experimentação. (Mariana Moreira) ●